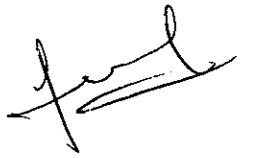


INSTITUTO SUPERIOR MIGUEL TORGA

ESCOLA SUPERIOR DE ALTOS ESTUDOS

*A Escola Superior
de Enfermagem de
Bragança.*

Leonel São Romão Preto



**CONSUMO DE SUBSTÂNCIAS PSICOACTIVAS EM
ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR- A INFLUÊNCIA DOS
FACTORES PSICOSSOCIAIS E DO DESENVOLVIMENTO DA
AUTONOMIA**

Dissertação de Mestrado em Toxicodependência e Patologias Psicossociais,
apresentada ao I.S.M.T e elaborada sob a orientação do Prof. Dr.º Carlos Amaral Dias
e co-orientação da Dr.ª Sandra Barata Pires.

Coimbra 2002

5017
DE ENFERMAGEM DE
613.8 PRE
17-7-02
BIBLIOTECA

INSTITUTO SUPERIOR MIGUEL TORGA

ESCOLA SUPERIOR DE ALTOS ESTUDOS

*A Escola Superior
de Enfermagem de
Bragança.*

Leonel São Romão Preto



**CONSUMO DE SUBSTÂNCIAS PSICOACTIVAS EM
ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR- A INFLUÊNCIA DOS
FACTORES PSICOSSOCIAIS E DO DESENVOLVIMENTO DA
AUTONOMIA**

Dissertação de Mestrado em Toxicodependência e Patologias Psicossociais,
apresentada ao I.S.M.T e elaborada sob a orientação do Prof. Dr.º Carlos Amaral Dias
e co-orientação da Dr.ª Sandra Barata Pires.

Coimbra 2002

5017
DE ENFERMAGEM DE
BRAGANÇA
BIBLIOTECA
613.8 PRE
17-7-02

Agradecimentos

Para a concretização deste trabalho, foi imprescindível a contribuição de algumas pessoas sem a colaboração das quais teria sido impossível chegar até aqui.

Agradeço especialmente:

- Às escolas que participaram no estudo e aos respectivos presidentes dos conselhos directivos, que nos autorizaram a aplicação dos questionários.
- Aos professores que gentilmente nos cederam os seus tempos lectivos, o nosso muito obrigado.
- Aos alunos, pela sua disponibilidade e cooperação.
- À Prof. Dr.^a Rosário Pinheiro pela disponibilidade e simpatia com que nos ajudou, quando por nós contactada.
- À colega Adília Silva pela leitura do trabalho e pelas sugestões apresentadas.
- Como agradecer a contribuição e o interesse colocados neste trabalho pela Dr.^a Sandra Pires? O seu profissionalismo será sempre para nós um motivo de referência.

Resumo

Neste trabalho pesquisamos as condutas de consumo de substâncias psicoactivas em estudantes do ensino superior do distrito de Bragança e a influência dos factores psicossociais e da variável *desenvolvimento da autonomia*.

No estudo, os padrões de consumo foram avaliados a partir do *questionário de uso de drogas em estudantes* recomendado pela Organização Mundial de Saúde.

Utilizamos a teoria de Arthur W. Chickering sobre o desenvolvimento psicossocial do estudante universitário como modelo de reflexão na tentativa de compreender melhor as variáveis clínicas e a epidemiologia dos consumos.

Foi construída uma amostra de 450 alunos de vários estabelecimentos de ensino superior público e privado do contexto geográfico de pesquisa.

De acordo com os resultados podemos concluir que:

- Os alunos da amostra embriagaram-se em média 3,48 vezes. A média do número de bebedeiras varia conforme o sexo e o padrão de consumo de álcool, estando também relacionada com as idades das primeiras experiências de consumo de álcool.
- O consumo de medicamentos para ajudar nos estudos relaciona-se com o consumo de sedativos consumidos sem receita médica.
- 24,2% dos alunos têm experiências de consumo de uma droga ilícita.
- 6,2%, têm experiências de consumo para duas ou mais drogas ilícitas.
- Quanto mais elevado é o nível de perigosidade atribuído às diferentes drogas menor é o padrão de consumo das mesmas drogas.
- Existe relação entre a percepção de ser compreendido pelos pais e os consumos ilícitos. O factor “compreensão dos pais” e o acontecimento “consumos ilícitos” não são independentes.
- Há diferenças de médias estatisticamente significativas entre o grupo de não consumidores e consumidores de drogas ilícitas para as dimensões “independência emocional e interdependência com os colegas”; “gestão do tempo”, “reciprocidade das relações com os pais e colegas e responsabilidade social” e “autonomia global”.

OMS- Organização Mundial de Saúde

DSM- Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders

LSD- Dietilamida do Ácido Lisérgico

EUA- Estados Unidos da América

SNC- Sistema Nervoso Central

CID- Classificação Internacional das Doenças

ESPAD- European School Survey Project on Alcohol and other Drugs

THC- Tetrahydrocannabiol

EDIS- Equipo de Investigacion Sociológica

IPDT- Instituto Português da Droga e da Toxicodependência.

SIDA- Síndrome da Imunodeficiência Adquirida.

UTAD- Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

MDMA- Metileno-dioxifenoliso-propilamina

CIS- Clinical Interview Schedule

IPB- Instituto Politécnico de Bragança

IDA- Inventário de Desenvolvimento da Autonomia

SPSS- Statistical Package of Social Sciences

Índice

	Pág.
Introdução	12
 I PARTE – REVISÃO DA LITERATURA	
Capítulo 1- Conceitos introdutórios	15
1.1- Conceitos de droga	17
1.2- Substâncias psicoactivas: Visão geral	18
1.3- Critérios de classificação	19
1.4- O consumo de drogas na sociedade actual	22
Capítulo 2- Os consumos em meios universitários	24
2.1- Álcool	26
2.2- Cannabis	32
2.3- LSD	36
2.4- Opiáceos	38
2.5- Sedativos, hipnóticos e ansiolíticos	42
2.6- Anfetaminas	44
2.7- Ecstasy	46
2.8- Cocaína	48
Capítulo 3- Condutas de consumo	52
3.1- Do uso experimental à dependência	54
Capítulo 4- O Jovem adulto no ciclo vital. Perspectiva de alguns autores	60
4.1- O adolescente e o jovem adulto	69
Capítulo 5- Transição e adaptação ao ensino superior	75
Capítulo 6- O estudante do ensino superior: Visão psicossocial	81
Capítulo 7- O desenvolvimento da autonomia	91
7.1- A teoria de Chickering	95
7.2- Consumos de drogas e desenvolvimento da autonomia	100

II PARTE – CONTRIBUIÇÃO PESSOAL

Capítulo 8- Procedimentos metodológicos	107
8.1- Apresentação do problema de investigação	108
8.2- Contexto geográfico de pesquisa	108
8.3- Plano de amostragem	109
8.4- Instrumentos de pesquisa	113
8.5- Hipóteses	119
8.6- Variáveis em estudo e sua operacionalização	119
8.7- Tratamentos estatísticos	124
Capítulo 9- Apresentação, descrição e análise dos resultados	125
Capítulo 10- Discussão dos resultados	175
Conclusões	191
Fontes e bibliografia temática	194
Anexos	201

Índice de Tabelas

Tabela	Pág.
1- Distribuição dos participantes da amostra segundo o género sexual	125
2- Estado civil dos elementos da amostra segundo o género sexual	127
3- Opção com que os estudantes entraram no curso que frequentam	130
4- Tabela de informação cruzada satisfação- opção de entrada no curso	131
5- Distribuição de frequências tendo em conta o rendimento e desempenho escolar	132
6- Resultados da medida de associação de Spearman tendo em conta as variáveis "Satisfação com o curso" e "Rendimento escolar"	133
7- Distribuição dos alunos na variável "Viver em casa dos pais durante o ano lectivo"	134
8- Distribuição que tem em conta o local onde os estudantes vivem	135
9- Representação tabular da distância que separa a família da escola	135
10- Representação tabular tendo em conta o sexo dos inquiridos e a presença ou ausência de relações estáveis com os pais	136
11- Percentagens obtidas nos diferentes sexos nos relacionamentos com os pais.....	137
12- Estatísticas descritivas para o teste de Friedman e o respectivo teste	138
13- Prevalências de consumo de tabaco	139

14- Padrões de consumo de tabaco	140
15- Prevalências de consumo de álcool	141
16- Padrões de consumo de álcool	142
17- Distribuição dos participantes do estudo segundo a experiência de embriagues	143
18- Distribuição da variável clínica “Número de bebedeiras”	144
19- Coeficiente de correlação de Pearson obtido a partir dos dados das variáveis “Idade das primeiras experiências de consumo de álcool” e “Número de bebedeiras”	146
20- Prevalências de consumo de cannabis	146
21- Padrões de consumo de cannabis	147
22- Tabela de informação cruzada tendo em conta as variáveis “Género sexual” e “Padrões de consumo de cannabis”	148
23- Correlações entre as idades das primeiras experiências de consumo para as substâncias cannabis, tabaco e álcool	149
24- Prevalências de consumo de heroína	150
25- Padrões de consumo de heroína	151
26- Prevalências de consumo de sedativos, hipnóticos ou ansiolíticos sem receita médica	152
27- Prevalências de consumo de anfetaminas	154

28- Padrões de consumo de anfetaminas	155
29- Prevalências de consumo de cocaína	156
30- Padrões de consumo de cocaína	157
31- Forma mais habituai de consumo de cocaína	157
32- Tipos de medicamentos usados nos estudos	158
33- Distribuição tendo em conta os consumos de drogas ilícitas	158
34- Motivos que levaram os consumidores de tabaco ou álcool a fazer as primeiras experiências de consumo dessas substâncias	161
35- Motivos para os consumos de substâncias ilícitas	162
36- Locais das primeiras experiências de tabaco ou álcool	163
37- Locais das primeiras experiências de drogas ilícitas	163
38- Pessoas com quem foram feitas as primeiras experiências de drogas ilícitas	164
39- Administração de conteúdos programáticos sobre drogas em sala de aulas ..	164
40- Associação entre os níveis de perigosidade atribuídos às diversas substâncias psicoactivas e os padrões de consumo para as mesmas substâncias ..	166
41- Estatísticas descritivas para o teste Anova, entre o nível de perigosidade total para as substâncias psicoactivas e o seu consumo	168
42- Distribuição das variáveis “Percepção da compreensão dos pais” e “Consumos ilícitos”	171
43- Risco relativo calculado tendo em conta as variáveis “Percepção da compreensão dos pais” e “Consumos ilícitos”.....	171

Índice de Quadros

Quadro	Pág.
1- Distribuição das substâncias da Administração Federal de Combate à Droga dos EUA, como exemplos	20
2- Classificação das drogas de acordo com o tipo e a intensidade da dependência	21
3- Tipos de consumo e problemas associados	59
4- Estádios de desenvolvimento, segundo Erikson	64
5- Principais teorias para a compreensão do desenvolvimento do estudante do ensino superior	90
6- Frequência absoluta dos estudantes que constituíram a amostra por instituição de ensino	110
7- Estimativa do n da amostra em função do N da população	111
8- Matriz seguida no processo de estratificação	112
9- Distribuição dos itens do IDA, pelas diversas sub-escalas	117
10- Distribuição de frequências tendo em conta o distrito de naturalidade	128
11- Distribuição dos alunos segundo os cursos que frequentam	129
12- Quadro resumo das prevalências dos consumos para todas as substâncias	159
13- Quadro resumo das frequências de consumo para o último mês	159
14- Quadro resumo das idades de iniciação dos consumos	160
15- Quadro resumo dos padrões de consumos para as diferentes substâncias psicoactivas	160
16- Tabela de contingência com χ^2 calculado para as variáveis "Percepção da compreensão dos pais" e "Consumos ilícitos"	170
17- Índices de consistência interna para as diferentes sub-escalas e para o IDA .	173
18- Estatísticas relativas ao teste de diferença de médias entre os grupos dos consumos e os índices de autonomia	174

Índice de Gráficos

Gráfico	Pág.
1- Distribuição dos indivíduos da amostra em função da idade	126
2- Representação gráfica da variável naturalidade	127
3- Gráfico de barras empilhadas, que apresenta o número de indivíduos por categorias de satisfação com o curso e o rendimento escolar	133
4- Representação dos relacionamentos com o pai tendo em conta o sexo	137
5- Representação gráfica da idade de início de consumo de álcool	142
6- Distribuição do “Número de bebedeiras” de acordo o sexo e os padrões de consumo de álcool	145
7- Representação gráfica de idade de início dos consumos de cannabis	147
8- Diagrama de dispersão das variáveis “Idade das primeiras experiências de consumo de cannabis”, “Idade das primeiras experiências de consumo de tabaco”	150
9- Distribuição da variável “Género sexual” de acordo com os consumos de sedativos alguma vez na vida	153
10- Consumos de ecstasy	155
11- Nível de perigosidade atribuído às diversas substâncias psicoactivas	165
12- Médias do nível de perigosidade atribuído às substâncias psicoactivas nos grupos dos consumos	168

Apresentação, descrição e análise dos resultados

Este capítulo tem como finalidade dar a conhecer os dados obtidos, após o tratamento da informação recolhida, através da aplicação do instrumento de pesquisa. O mesmo instrumento foi integralmente preenchido por 450 alunos em contexto de sala de aulas. Com a nossa presença podemos esclarecer as dúvidas que surgiram aos participantes no estudo pelo que nenhum questionário foi rejeitado pela inconsistência dos dados, ou pelo seu não preenchimento.

Os dados apresentados na forma de tabelas, quadros ou gráficos terão neste capítulo a descrição que consideramos pertinente, sendo a discussão mais detalhada dos mesmos realizada em capítulo próprio e de acordo com a fundamentação teórica.

Na apresentação dos dados seguimos, de uma maneira geral, a estrutura do questionário. Assim, iniciamos a apresentação dos resultados pela caracterização da amostra em estudo.

Amostra

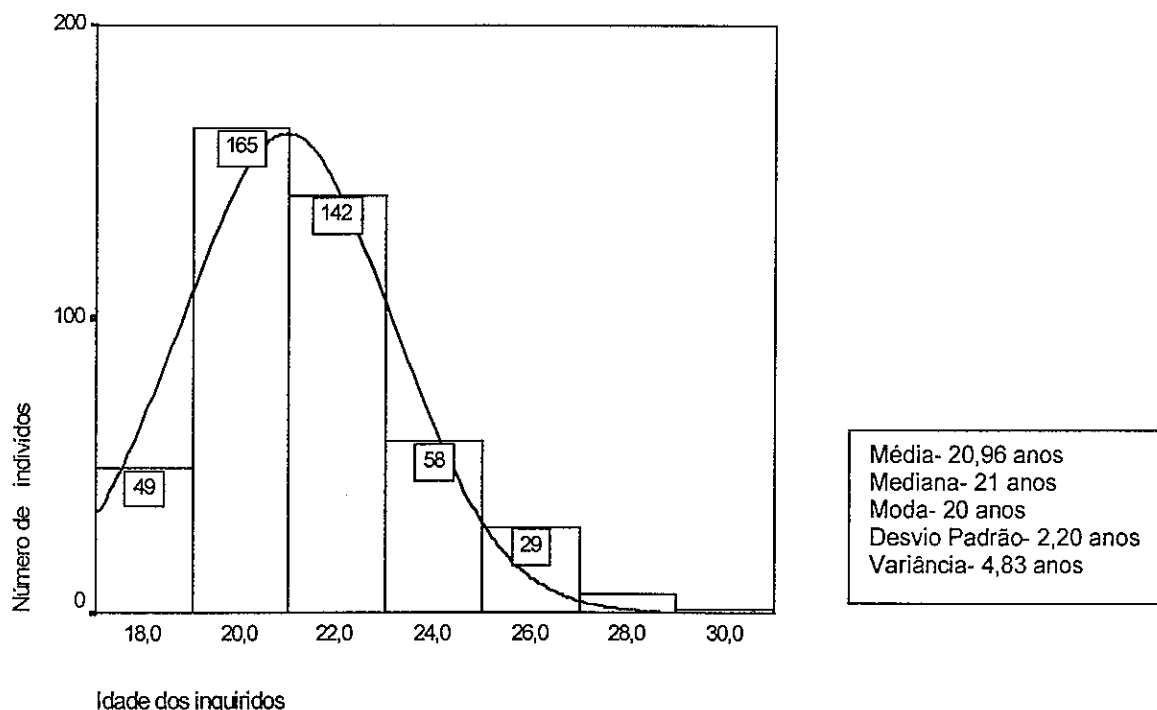
Constituíram a amostra 450 estudantes, dos quais 295 (65,6%) eram raparigas e 155 (34,4%) eram rapazes, como verificamos pela observação da tabela 1.

Tabela 1- Distribuição dos participantes da amostra segundo o género sexual.

	N.º	%
Masculino	155	34,4
Feminino	295	65,6
Total	450	100,0

O gráfico 1 representa a distribuição dos participantes da amostra quanto à variável “Idade dos inquiridos”.

Gráfico 1- Distribuição dos indivíduos da amostra em função da idade.



Os elementos constituintes da amostra apresentam idades compreendidas entre o valor mínimo de 17 anos ($n=5$) e o valor máximo de 30 anos ($n=1$). A média das idades situa-se próxima dos 21 anos, sendo também este o valor da mediana. A moda é constatada nos 20 anos de idade, valor da variável que ocorre com mais frequência ($n=90$). Apesar das três medidas de tendência central apresentarem valores semelhantes, a curva de frequências reflecte a ligeira assimetria e o desvio para a direita da distribuição das idades.

Tendo em conta a variável sociodemográfica “Estado civil” constatamos que a grande maioria dos alunos são solteiros (96,2%), vivendo maritalmente 8 alunos (1,8%), e estão casados 9 alunos (2%). Não são verificadas outras condições como viuvez, divórcio ou separação o que não nos surpreende tendo em conta a idade dos inquiridos.

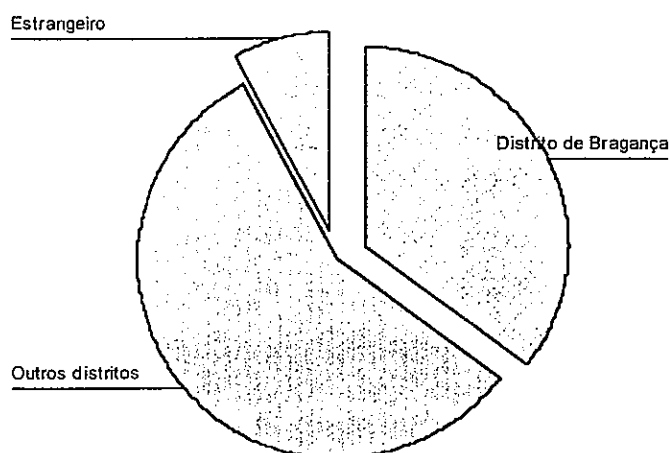
Tabela 2- Estado civil dos elementos da amostra segundo o género sexual.

		Género sexual				Total	
		Masculino		Feminino		N.º	%
		N.º	%	N.º	%		
Estado civil	Solteiro	153	35,3	280	64,7	433	100,0
	Viver maritalmente	1	12,5	7	87,5	8	100,0
	Casado	1	11,1	8	88,9	9	100,0
Total		155	34,4	295	65,6	450	100,0

Pela observação da tabela 2 constatamos que, do total de alunos que vive maritalmente (n=8), a grande maioria são raparigas (n=7). São também as raparigas que contribuem em maior número para a percentagem total dos casados na amostra.

No gráfico 2 registaram-se as percentagens obtidas em relação à variável sociodemográfica naturalidade. Como podemos constatar, são naturais do distrito de Bragança 35,3% dos estudantes inquiridos, são naturais de outros distritos cerca de 56,9% dos participantes da amostra, sendo que 7,8% nasceram no estrangeiro. Como tivemos oportunidade de constatar, ao longo do trabalho de campo, embora os alunos que referem ter nascido no estrangeiro (n=35) sejam na sua maioria filhos de emigrantes, existem também 2 alunos de nacionalidade espanhola.

Gráfico 2- Representação gráfica da variável naturalidade.



Para melhor compreensão dos dados obtidos relativamente à variável naturalidade a mesma foi operacionalizada tendo em conta os diferentes distritos de que os inquiridos referiram ser naturais. Os resultados constam do quadro 10.

Quadro 10- Distribuição das frequências tendo em conta o distrito de naturalidade.

	N.º	%
Aveiro	17	3,8
Braga	37	8,2
Bragança	160	35,6
Castelo Branco	3	0,7
Coimbra	5	1,1
Estrangeiro	35	7,8
Faro	1	0,2
Funchal	4	0,9
Gaia	1	0,2
Guarda	11	2,4
Guimarães	1	0,2
Leiria	4	0,9
Lisboa	10	2,2
Beja	1	0,2
Portalegre	3	0,7
Porto	56	12,4
Santarém	3	0,7
Setúbal	2	0,4
Viana do Castelo	14	3,1
Vila Real	68	15,1
Viseu	14	3,1
Total	450	100,0

Denota-se, pela observação do quadro, a grande variedade de locais de onde os alunos são provenientes, embora sejam os distritos mais próximos de Bragança aqueles que contribuem com maior percentagem para a distribuição, como é o caso do distrito de Vila Real, Guarda, Braga ou Porto.

O quadro 11 resume os dados estatísticos relativamente aos cursos que os alunos frequentam, sendo também referenciados os estabelecimentos de ensino superior que colaboraram na realização do estudo.

Quadro 11- Distribuição dos alunos segundo os cursos que frequentam.

		N.º	%
E.S.Enf.B	Enfermagem	31	6,9
I.S.L.A	Psicologia Organizacional	26	5,8
	Informática de Gestão	13	2,9
E.S.Ti.G- Bragança	Engenharia Informática	28	6,2
	Informática de Gestão	10	2,2
	Engenharia Mecânica	10	2,2
	Engenharia Electrotécnica	25	5,6
E.S.A.B	Engenharia do Ambiente e do Território	54	12,2
	Engenharia Agronómica	17	3,8
	Engenharia Florestal	4	0,9
	Engenharia Biotecnológica	13	2,9
E.S.Educação-Jean Piaget Nordeste	Ensino Básico- 1º Ciclo	35	7,8
E.S.Enfermagem-Jean Piaget Nordeste	Fisioterapia	47	10,4
	E.S.Ti.G- Mirandela	Gestão e Administração Pública	20
E.S.Ti.G- Mirandela	Gestão Sociocultural	29	6,4
	Planeamento e Gestão em Turismo	7	1,6
	E.S.E.B	Educação de Infância	38
Ensino Básico- 1º Ciclo		43	9,6
Total		450	100,0

Dados relativos à vida académica

Com o objectivo de analisar as possíveis determinantes em relação à vida académica e à adaptação ao ensino superior apresentamos seguidamente os resultados obtidos na amostra do estudo no que diz respeito a estas questões. Das múltiplas variáveis que poderiam ser colocadas neste processo por si multidimensional estudamos apenas alguns indicadores como a satisfação em relação ao curso que se frequenta ou a percepção que o estudante tem do seu rendimento e desempenho escolar.

Apresentam-se na tabela 3 os resultados obtidos na variável "Opção de entrada no curso que se frequenta" quando da candidatura ao ensino superior.

Tabela 3- Opção com que os estudantes entraram no curso que frequentam.

	N.º	%	% Acumulada
1ª Opção	171	38,0	38,0
2ª Opção	48	10,7	48,7
3ª Opção	37	8,2	56,9
4ª Opção	27	6,0	62,9
5ª Opção	20	4,4	67,3
6ª Opção	26	5,8	73,1
Ensino Particular	121	26,9	100,0
Total	450	100,0	

Como se pode constatar, grande parte dos alunos entraram no curso que frequentam como 1ª opção: 38% do total de alunos. Por outras palavras, para 171 alunos, o estabelecimento e o curso que frequentam representam a sua primeira escolha no processo de candidatura ao ensino superior. Constatamos igualmente que a maior parte dos alunos (56,9%) frequentam cursos que correspondem à sua 1ª, 2ª ou 3ª opção. Mesmo assim, 16,2% dos alunos frequentam cursos que correspondem à sua 4ª, 5ª ou 6ª opção. Frequentam estabelecimentos de ensino superior privado 121 alunos.

Com o objectivo de percebermos melhor a distribuição dos alunos pelo atributo “Opção com que entrou no curso que frequenta” e a sua importância associativa com a variável “Satisfação em relação ao curso que frequenta” cruzamos as estatísticas das duas variáveis em questão.

Tabela 4- Tabela de informação cruzada satisfação- opção de entrada no curso.

Satisfação	Opção com que entrou no curso que frequenta							Total
	1 ^a	2 ^a	3 ^a	4 ^a	5 ^a	6 ^a	E. Part.	
Bastante insatisfeito	4 25,0%	3 18,8%	1 6,3%	1 6,3%		3 28,6%	4 25%	16 100,0%
Insatisfeito	11 52,4%	1 4,8%	1 4,8%	2 9,5%		6 18,6%		21 100,0%
Indiferente	10 33,3%	5 16,7%	4 13,3%	4 13,3%	1 3,3%	3 10,0%	3 10,0%	30 100,0%
Satisfeito	110 39,1%	33 17,1%	22 7,8%	17 6,0%	14 5,0%	10 3,6%	75 26,7%	281 100,0%
Muito satisfeito	36 35,3%	6 5,9%	9 8,8%	3 2,9%	5 4,9%	4 3,9%	39 38,2%	102 100,0%
Total	171 38,0%	48 10,7%	37 8,2%	27 6,0%	20 4,4%	26 5,8%	121 26,9%	450 100,0%

Grande parte dos alunos encontram-se satisfeitos (n=281) ou muito satisfeitos (n=102) com o curso que frequentam.

Verifica-se que dos 102 alunos que se encontram muito satisfeitos com o curso que frequentam 35,3% foram colocados no ensino superior tendo em conta a sua primeira opção e 38% frequentam estabelecimentos de ensino privado.

A categoria “satisfeito” segue uma distribuição semelhante na tabela de informação cruzada, ou seja, são os alunos do ensino privado e da primeira opção que contribuem em maior percentagem para o total de alunos na referida categoria.

De realçar que do total de alunos que referem estar insatisfeitos com o curso nenhum deles frequenta estabelecimentos de ensino superior privado.

Na tabela 5 apresentam-se os resultados obtidos para a variável ordinal “Rendimento e desempenho escolar”.

Tabela 5- Distribuição de frequências tendo em conta o rendimento e desempenho escolar

	N.º	%
Medíocre	7	1,6
Muito abaixo da média	2	0,4
Abaixo da média	36	8,0
Na média	326	72,4
Acima da média	69	15,3
Muito acima da média	9	2,0
Excelente	1	0,2
Total	450	100,0

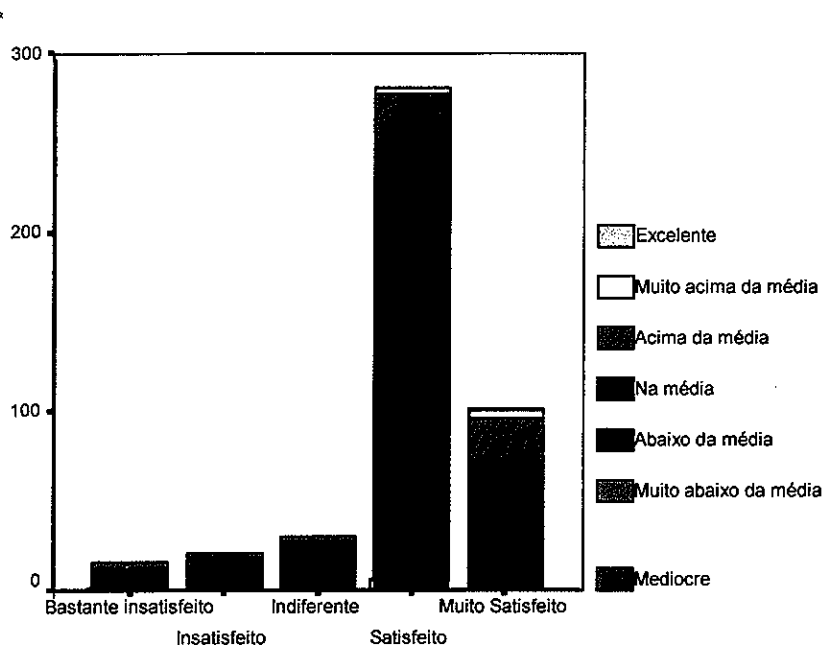
Como podemos verificar pela análise da tabela 5 a grande maioria dos estudantes (72,4%) percepção o seu rendimento e desempenho escolar com estando na “média”. Alguns alunos (8,0%) classificam-se como estando “abaixo da média” enquanto outros (15,3%) entendem estar o seu rendimento escolar “acima da média”. Apenas 0,2% dos alunos (n=1) classificam o seu desempenho escolar de “excelente”.

Para o grande número de observações encontradas na categoria “na média” terá talvez contribuído a dificuldade que é ainda sentida pelos alunos de primeiro ano para perceberem de forma precisa o seu desempenho escolar ao nível do ensino superior.

Com o objectivo de explorar-mos uma eventual associação entre as variáveis “Satisfação em relação ao curso que se frequenta” e “Rendimento e desempenho escolar” foi construído o gráfico 3, que representa os resultados do cruzamento das frequências absolutas nas respectivas variáveis.

No eixo das categorias estão representados os graus de satisfação com o curso frequentado enquanto que os *clusters* foram definidos tendo em conta o rendimento e o desempenho escolar.

Gráfico 3- Gráfico de barras empilhadas, que apresenta o número de indivíduos por categorias de satisfação com o curso e o rendimento escolar.



Vale a pena observar que, só os alunos que referem estar muito satisfeitos com os cursos que frequentam referem ser o seu desempenho escolar excelente, e que o *cluster* “muito acima da média” se distribui apenas pelas categorias “muito satisfeito” ou “satisfeito”.

Tomando como ponto de partida o valor das ordens das observações nas duas variáveis analisamos a sua associação através do coeficiente de correlação ordinal de Spearman (R_s) cujos resultados foram resumidos pela tabela 6.

Tabela 6- Resultados da medida de associação de Spearman tendo em conta as variáveis “Satisfação com o curso” e “Rendimento escolar”.

		Rendimento escolar
Satisfação com o curso	R_s	,249
	Valor da prova	,000
	N	450

Podemos, pois concluir que quando uma das variáveis toma maior valor também a outra variável toma maior valor e aceitamos a hipótese de existir associação entre as variáveis. Também o valor da prova é inferior a 0,01, o que nos leva a rejeitar a hipótese nula ao nível de significância de 1% e a inferir da estatística que os alunos com bons resultados escolares têm igualmente bons índices de satisfação com o curso.

Avaliação familiar.

Pretendendo saber se ocorreu na população em estudo o processo de separação em relação aos pais, foram inquiridos os estudantes sobre o “Viver em casa dos pais durante o ano lectivo” cujos resultados são apresentados na tabela 7.

Tabela 7- Distribuição dos alunos na variável “Viver em casa dos pais durante o ano lectivo”.

	N.º	%
Vivem em casa dos pais	62	13,8
Não vivem em casa dos pais	388	86,2
Total	450	100,0

A maior parte dos alunos não vivem em casa dos pais durante o ano lectivo (86,2%) enquanto que 13,8% o fazem durante o mesmo período.

Constatamos que, na população em estudo, o número de alunos que vivem em casa dos pais (n=62) é inferior ao número de alunos naturais do distrito de Bragança (n=160). De um modo geral, os dados obtidos nestas variáveis permitem-nos deduzir que o ensino superior se constitui como um evento que produz, provavelmente pela primeira vez um processo de separação física entre o jovem adulto e os seus progenitores.

A tabela seguinte esclarece-nos sobre o local onde habitam os estudantes que referem não viver em casa dos pais.

Tabela 8- Distribuição que tem em conta o local onde os estudantes vivem *.

	N.º	%
Residência para estudantes	34	8,8
Casa ou apartamento	235	60,6
Quarto individual	119	30,7
Total	388	100,0

* Percentagens calculadas tendo em conta os alunos respondentes à pergunta.

Dos alunos que afirmam não viver em casa dos seus pais denota-se que uma grande maioria (60,6%) refere viver em casas ou apartamentos. Em quarto individual vivem 30,7% dos alunos. As residências para estudantes não dão grande cobertura ao estrato em causa, efectivamente apenas 8,8% dos estudantes referem viver em residências.

Tabela 9- Representação tabular da distância que separa a família da escola.

	N.º	%
Menos de 50 Km	108	24,0
Entre 50 e 100 Km	93	20,7
Entre 100 a 150 Km	62	13,8
Entre 150 a 200 Km	44	9,8
Entre 200 a 250 Km	49	10,9
Entre 250 a 300 Km	40	8,9
Superior a 300 Km	54	12,0
Total	450	100,0

Na tabela 9 estão representadas as frequências absolutas e relativas em relação à variável "Distância que separa a família da escola".

Podemos verificar que 24,0% dos estudantes se encontram a menos de 50Km da sua família. No outro extremo da distribuição, e a uma distância da sua família superior a 300Km, encontram-se cerca de 12% dos indivíduos. Existe pois um número significativo de estudantes que podemos considerar de "deslocados" em relação à sua família.

No bloco do questionário que constituía a avaliação familiar foram interrogados os estudantes acerca do estado civil dos seus pais. Cerca de 90,9% dos alunos referiram que os seus pais são casados e vivem juntos; 2,4% afirmam estarem os seus pais divorciados e 0,9% dizem estar separados; enquanto que para 5,8% (n=26) dos alunos existe uma situação de viuvez de um dos seus progenitores.

Para percebermos a relação familiar e suas interfaces foram por nós elaboradas algumas variáveis cujos resultados após tratamento estatístico são seguidamente apresentados.

Tabela 10- Representação tabular tendo em conta o sexo dos inquiridos e a presença ou ausência de relações estáveis com os pais.

			Sexo		Total
			Masculino	Feminino	
Relação estável com os pais	Sim	N	151	283	434
		% em linha	34,8	65,2	100,0
		% em coluna	97,4	95,9	96,4
	Não	N	4	12	16
		% em linha	25,0	75,0	100,0
		% em coluna	2,6	4,1	3,6
Total	N	155	295	450	
	% em linha	34,4	65,6	100,0	
	% em coluna	100,0	100,0	100,0	

Como se observa pela análise da tabela 10 a grande maioria dos alunos (96,4%) referem ter relações estáveis com os seus pais e uma pequena percentagem (3,6%) referem não terem boas relações. Do total de alunos que afirmam não ter uma relação estável com os pais (n=16) a grande maioria (75,0%) são raparigas.

Continuando a análise das interfaces das relações familiares tentamos perceber se existiriam diferenças sobre a forma como os jovens estudantes percepcionavam os relacionamentos com o pai e com a mãe.

Tabela 11- Percentagens obtidas nos diferentes sexos nos relacionamentos com os pais.

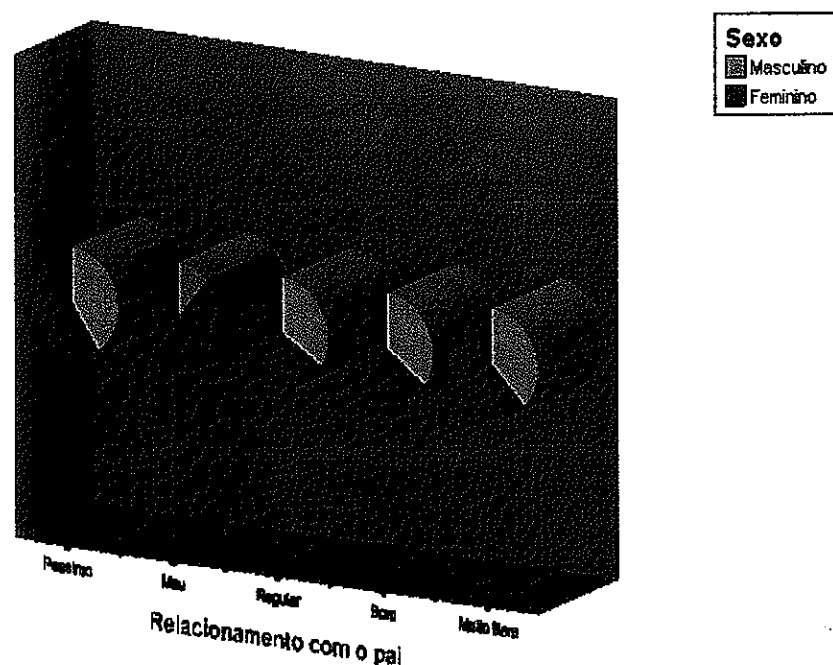
	Mau/Péssimo			Regular			Bom			Muito Bom		
	Mas.	Fem.	Total	Mas.	Fem.	Total	Mas.	Fem.	Total	Mas.	Fem.	Total
Pai	2,0	4,0	3,3	13,8	15,0	14,6	30,9	31,8	31,5	53,3	49,3	50,7
Mãe	0,7	1,4	1,2	6,6	6,5	6,6	29,8	22,7	25,1	62,9	69,4	67,2

A maioria dos alunos têm uma boa relação familiar, no entanto 3,3% relacionam-se mal ou pessimamente com o pai e 1,2% relaciona-se mal ou pessimamente com a mãe.

A tendência aponta para uma melhor relação com a mãe tanto na interface filho/mãe como na filha/mãe. Por outro lado a pior interface é a da filha/pai (4,0%).

Com o objectivo de esclarecer melhor os relacionamentos filha/pai construímos a representação gráfica dessa interface.

Gráfico 4- Representação do relacionamento com o pai tendo em conta o sexo.



A análise gráfica dos relacionamentos com o pai põe em evidência os piores relacionamentos filha/pai. Com efeito denota-se que dos inquiridos que responderam terem um mau relacionamento com o pai a quase totalidade são raparigas.

Por fim as possíveis diferenças existentes entre os relacionamentos com os dois progenitores, que a estatística descritiva parece denotar, foram analisadas através de um teste de hipóteses.

Tabela 12- Estatísticas descritivas para o teste de Friedman e o respectivo teste.

	Média	Desvio Padrão	Valor mínimo	Valor máximo	Rank das médias
Relacionamento com o pai	4,29	0.88	1	5	1,40
Relacionamento com a mãe	4,58	0.69	1	5	1.60

Teste de Friedman^a

Qui-Quadrado	56,910
gl	1
Sig.	,000

a. Friedman Test

Observando a tabela podemos verificar, pela análise das médias e do *rank* das médias para as duas variáveis que o relacionamento com a mãe é classificado de forma mais elevada. Recordamos que ambas as variáveis eram ordinais assumindo as categorias de: 1- péssimo; 2- mau; 3- regular; 4- bom e 5- muito bom.

Como o nível de significância do teste é menor que 0,05 rejeitamos a hipótese nula e concluímos que existem diferenças estatisticamente significativas nos relacionamentos que os alunos têm com os seus pais.

Consumos de substâncias psicoactivas

A seguinte apresentação e descrição dos resultados reporta-se aos consumos de substâncias licitas e ilícitas incluindo a informação sobre os padrões de consumo para cada substância pesquisada.

Constam de cada tabela de prevalências as frequências de consumo da substância psicoactiva a que a informação se refere. Por cada tabela estão indicadas as prevalências de consumo ao longo da vida; no último ano; no último mês e a frequência dos consumos do último mês. Em cada tabela é também apresentada a idade de início dos consumos para a substância em causa. As percentagens dizem respeito ao total de alunos que compõem a amostra.

Consumos de tabaco

Tabela 13- Prevalências de consumo de tabaco.

	Consumo de tabaco %*
	61,4
Ao longo da vida	44,9
No último ano	
Últimos 30 dias	9,6
De 1 a 5 dias	4,2
De 16 a 19 dias	22,9
De 20 dias ou mais	
Idade da primeira experiência de consumo	0,2
10 anos ou menos	0,7
11-12 anos	10,7
13-14 anos	31,3
15-16 anos	12,7
17-18 anos	6,0
19 anos ou mais	

* Percentagens obtidas tendo em conta o total de alunos.

Constatamos que 61,6 % (n=277) dos indivíduos referem ter consumido tabaco alguma vez na sua vida. A percentagem de alunos abstinentes para o tabaco ao longo da vida é assim de 38,4% (n=173). Nos últimos 12 meses verificamos que 44,9 % dos alunos (n=202) consumiram tabaco.

Analisando a frequência dos consumos para o último mês, verificamos que não consumiram tabaco nos últimos 30 dias cerca de 63,3% dos alunos (n=285). Os alunos que consumiram tabaco no último mês fazem-no, na sua maioria, com uma frequência quase diária (de 20 dias ou mais).

Ao nível das "Idades das primeiras experiências de consumo" verificamos ser a classe dos 15-16 anos a classe modal. Entretanto 0,2% dos alunos fizeram as suas primeiras experiências de consumo tendo 10 ou menos anos de idade.

Tabela 14- Padrões de consumo de tabaco.

	N.º	%
Não consumidor	173	38,4
Consumo experimental	112	24,9
Consumo regular	62	13,8
Consumo potencialmente dependente	103	22,9
Total	450	100,0

Observamos que a abstinência de tabaco é a conduta de consumo mais frequente nos estudantes, de facto 38,4% referem ser "não consumidores" de tabaco. Cerca de 24,9% dos alunos consumiram tabaco esporadicamente. Têm consumos regulares de tabaco 13,8% dos alunos inquiridos. Os consumos potencialmente dependentes (quase diários no último mês) atingem um valor de 22,9%.

*Consumos de álcool***Tabela 15-** Prevalências de consumo de álcool.

	Consumo de álcool %*
Ao longo da vida	94,7
No último ano	88,0
Últimos 30 dias	
De 1 a 5 dias	38,9
De 16 a 19 dias	13,3
De 20 dias ou mais	14,7
Idade da primeira experiência de consumo	
10 anos ou menos	2,4
11-12 anos	3,6
13-14 anos	12,4
15-16 anos	44,0
17-18 anos	27,6
19 anos ou mais	4,7

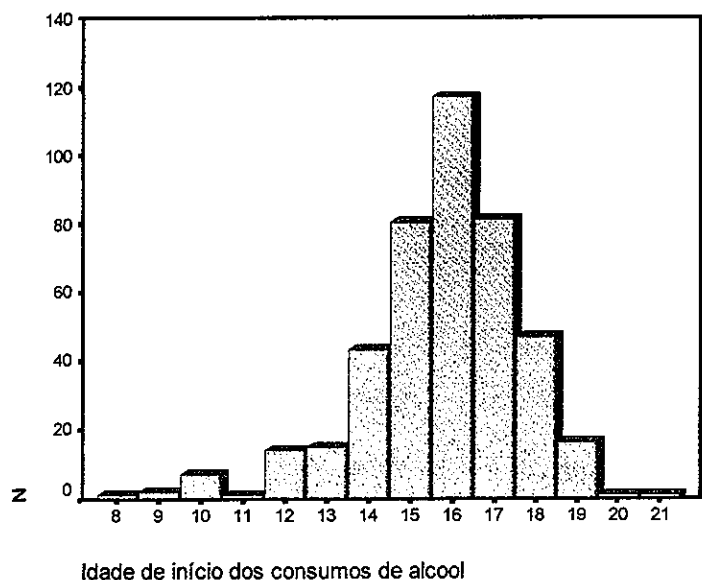
* Percentagens obtidas tendo em conta o total de alunos.

O álcool assume-se como a substância psicoactiva predominante nas prevalências de consumo, comparativamente a outras substâncias. Assim, apenas 5,3% dos estudantes se assumem como abstinentes para o álcool ao longo da vida (n=24). Com efeito, 94,7% dos estudantes refere consumos de álcool ao longo da vida e 88,0% afirmam ter consumido álcool no último ano.

Para o último mês foi obtida uma prevalência de consumos na ordem dos 66,9%. Referem ter consumido álcool entre 1 a 5 dias 38,9% dos alunos da amostra; entre 6 a 19 dias 13,3%, e 14,7% referem consumos quase diários para o álcool no último mês.

Em relação à idade de início do uso de álcool verifica-se ser até aos 15-16 anos que a maioria dos alunos fez as suas primeiras experiências de consumo de álcool. Para perceber melhor a idade concreta de início dos consumos representamos seguidamente a sua distribuição gráfica por frequências absolutas de idade.

Gráfico 5- Representação gráfica da idade de início de consumo de álcool.



O gráfico coloca em evidência o facto de alguns alunos terem tido experiências de consumo de álcool em idades relativamente precoces: aos 8, 9, 10 ou 11 anos e por outro lado existirem alunos que referem as primeiras experiências de consumo em idades de 20, ou 21 anos.

Tabela 16- Padrões de consumo de álcool.

	N.º	%
Não consumidor	24	5,3
Consumo experimental	125	27,8
Consumo regular	235	52,2
Consumo potencialmente dependente	66	14,7
Total	450	100,0

A tabela 16 reflecte a baixa frequência de não consumidores de álcool. Os consumos regulares de álcool assume-se como o padrão de consumo mais frequente

existindo um número significativo de indivíduos com um padrão de consumo potencialmente dependente.

A variável "Gênero sexual" assumiu-se para o álcool como uma das variáveis mais *explicadoras* na diferenciação qualitativa e quantitativas dos consumos dessa substância. Embora para os consumos "Alguma vez na vida" não existam relações estatisticamente significativas entre estas duas variáveis ($x^2=3,548$; $gl=1$; $p=0,06$), denota-se a existência da relação para os consumos no último ano ($x^2=4,060$; $gl=1$; $p=0,04$) e no último mês ($x^2=13,333$; $gl=1$; $p=0,00$).

A associação estatística é também verificada tendo em conta a mesma variável e os padrões de consumo de álcool ($x^2=21,518$; $gl=3$; $p=0,00$).

Concluimos que os diferentes géneros sexuais não se distribuem de igual forma pelas variáveis "Consumos de álcool no último ano", "Consumos de álcool no último mês" e "Frequência dos consumos de álcool no último mês".

Tendo em conta a marca cultural que o álcool detém na nossa sociedade foi por nós investigada a variável quantitativa "Número de bebedeiras". A tabela seguinte dá-nos conta do número de alunos que possuem experiências de embriagues.

Tabela 17- Distribuição dos participantes do estudo segundo a experiência de embriagues.

	N.º	%
Com experiência de embriagues	237	52,7
Sem experiência de embriagues	213	47,3
Total	450	100,0

A tabela seguinte distribui as frequências da variável clínica "Número de bebedeiras".

Tabela 18- Distribuição da variável clínica "Número de bebedeiras".

	N.º	%
Número de bebedeiras 0	213	47,3
1	46	10,2
2	54	12,0
3	28	6,2
4	11	2,4
5	29	6,4
6	6	1,3
7	6	1,3
8	3	0,7
10	22	4,9
12	3	0,7
15	8	1,8
18	1	0,2
20	8	1,8
25	1	0,2
30	4	0,9
40	1	0,2
50	6	1,3
Total	450	100,0

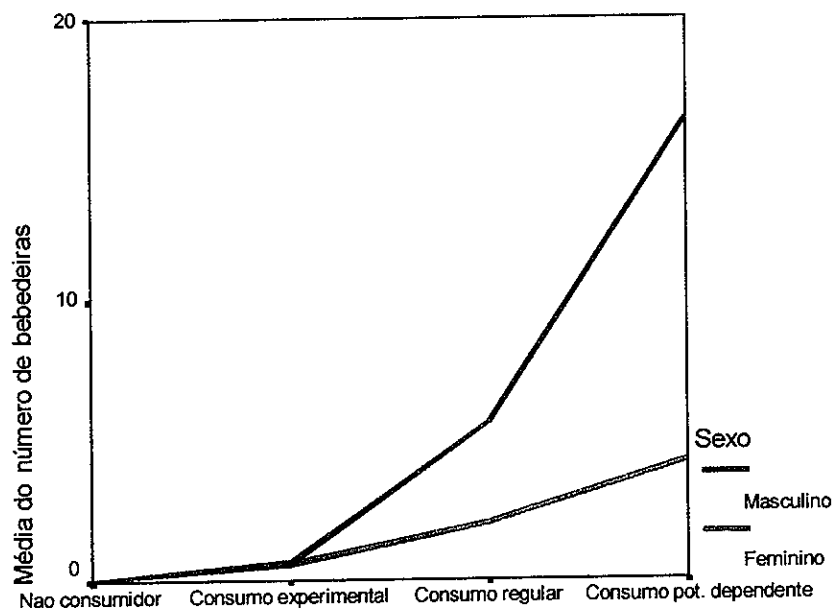
Constatamos que 47,3% dos alunos (n=213) não têm experiência de embriagues. Tendo em conta o número total dos indivíduos da amostra 10,2 % referem ter-se embriagado pelo menos 1 vez. Cerca de 24 estudantes (6,4%) afirmam terem-se embriagado 5 vezes.

O número de bebedeiras quantificado pelos alunos varia bastante. Salientamos os 1,3% dos alunos (n=6) que referem ter tido 50 bebedeiras ou mais.

Os alunos da amostra embriagaram-se em média 3,48 vezes.

Com o objectivo de perceber-mos a distribuição da variável clínica "Número de bebedeiras" de acordo com o género sexual e os padrões de consumo de bebidas alcoólicas construímos a representação gráfica que se segue.

Gráfico 6- Distribuição do “Número de bebedeiras” de acordo com o sexo e os padrões de consumo de álcool.



Padrão de consumos de álcool

Como se pode observar pelo gráfico 6 a média do número de bebedeiras varia de acordo com o sexo e as condutas de consumo de álcool. Cada ponto no gráfico representa uma das oito combinações possíveis para os padrões de consumo e o género sexual. Conclui-se que, na amostra, a forma das linhas são relativamente semelhante para o sexo masculino e para o sexo feminino; existem poucos abstinente em ambos os sexos para o álcool, e é sobretudo nas condutas de consumos regulares ou potencialmente dependentes que a média do número de bebedeiras é maior e mais varia entre os sexos, sendo maior no sexo masculino do que no sexo feminino.

Pesquisamos também a existência de relações entre a variável “Idade da primeira experiência de consumos de álcool” e a variável clínica “Número de bebedeiras” através do coeficiente de correlação r de Pearson.

Tabela 19- Coeficiente de correlação de Pearson obtido a partir dos dados das variáveis “Idade da primeira experiência de consumo de álcool” e “Número de bebedeiras”.

		Número de bebedeiras
Idade da primeira experiência de álcool	r de Pearson	-,276
	Valor da prova	,000
	N	276

O resultado do coeficiente mostra uma correlação pequena mas significativa entre as duas variáveis. A correlação entre as variáveis é negativa indicando que quanto mais precoce for a idade de início dos consumos de álcool maior será o número de bebedeiras, na amostra em estudo.

Consumos de cannabinoides

Tabela 20- Prevalências de consumo de cannabis.

	Consumo de cannabis %*
Ao longo da vida	19,1
No último ano	12,0
Últimos 30 dias	
De 1 a 5 dias	4,2
De 16 a 19 dias	0,4
De 20 dias ou mais	2,0
Idade da primeira experiência de consumo	
10 anos ou menos	—
11-12 anos	0,2
13-14 anos	0,9
15-16 anos	5,1
17-18 anos	8,2
19 anos ou mais	4,7

* Percentagens obtidas tendo em conta o total de alunos.

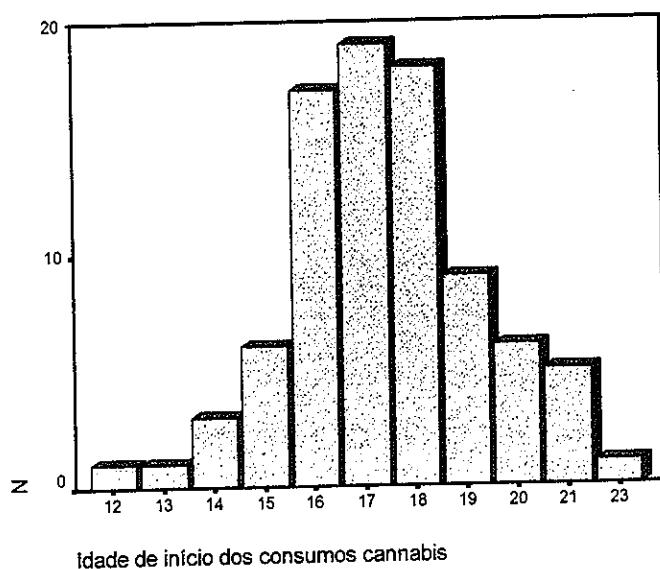
A análise da tabela 20 permite concluir que 19,1% dos estudantes (n=86) apresentam experiências de consumo de cannabis; que 12% (n=54) consumiram cannabis nos últimos 12 meses e que nos últimos 30 dias a substância foi consumida por 6,7% (n=30) dos alunos. Em relação às frequências dos consumos no último mês observamos que 2% dos alunos consumiram cannabis quase diariamente nesse período de tempo.

Tabela 21- Padrões de consumo de cannabis.

	N.º	%
Não consumidor	364	80,9
Consumo experimental	56	12,4
Consumo regular	21	4,7
Consumo potencialmente dependente	9	2,0
Total	450	100,0

A tabela 21 reflecte a operacionalização das condutas de consumo de cannabinoides nos estudantes da amostra.

Gráfico 7- Representação gráfica da idade de início dos consumos de cannabis.



Observa-se que a idade mínima para o início dos consumos foi de 12 anos de idade enquanto que a idade máxima foi de 23 anos. A média das idades para o início dos consumos de cannabis situou-se nos 17,38 anos de idade. A idade de início dos consumos de cannabinoides segue uma distribuição normal.

Foi por nós pesquisada a associação das variáveis “Género sexual” e “Padrões de consumo de cannabis” cujo cruzamento das frequências absolutas é exposto na tabela a seguir.

Tabela 22- Tabela de informação cruzada tendo em conta as frequências absolutas das variáveis “Género sexual” e “Padrões de consumo de cannabis”.

		Género sexual		Total
		Masculino N.º	Feminino N.º	N.º
Padrão de consumo de cannabis	Não consumidor	109	255	364
	Consumo experimental	30	26	56
	Consumo regular	10	11	21
	Consumo pot. dependente	6	3	9
Total		155	295	450

Verificamos que dos 9 indivíduos que apresentam consumos quase diários no últimos mês 6 são rapazes. Denota-se existir uma relação entre os padrões de consumo de cannabis e o sexo confirmada pelo teste do Qui-quadrado ($\chi^2=18,089$; $gl=3$; $p=0,00$).

Exploramos em seguida a correlação existente entre as variáveis “Idade das primeiras experiências de consumo de tabaco”, “Idade das primeiras experiências de consumo de álcool” e “Idade das primeira experiências de consumo de cannabis”. Seguindo as referidas variáveis distribuições normais (pressuposto verificado pelo teste de Kolmogorov-Smirnov) usamos para o estudo dessas relações o teste de correlação de Pearson, cujos resultados estão patentes na tabela seguinte.

Tabela 23- Correlações entre as idades das primeiras experiências de consumo para as substâncias cannabis, tabaco e álcool.

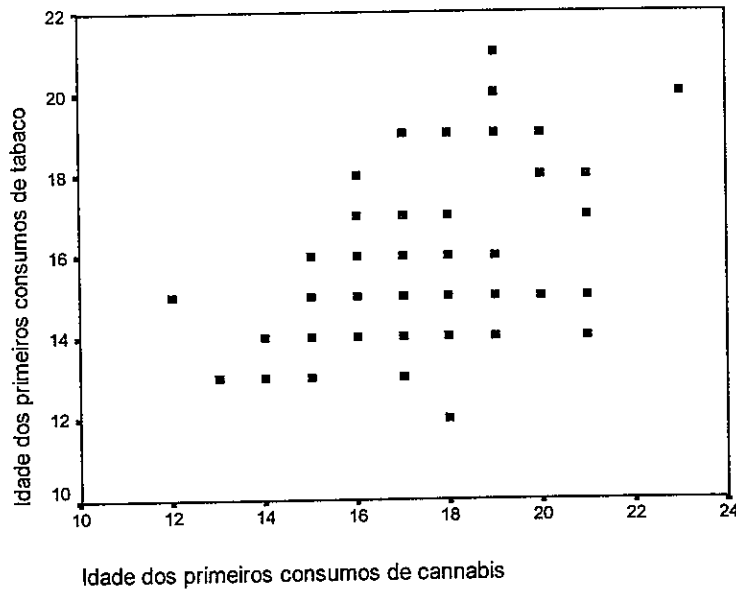
		Idade da primeira experiência (cannabis)	Idade da primeira experiência (tabaco)	Idade da primeira experiência (álcool)
Idade da primeira experiência (cannabis)	<i>r</i>	1,000	,442	,312
	Valor da prova	-	,000	,003
	N	86	85	86
Idade da primeira experiência (tabaco)	<i>r</i>	,442	1,000	,215
	Valor da prova	,000	-	,000
	N	85	277	274
Idade da primeira experiência (álcool)	<i>r</i>	,312	,215	1,000
	Valor da prova	,003	,000	-
	N	86	274	426

Aprecia-se uma pequena relação entre a idade das primeiras experiências de consumo de tabaco e álcool ($r=0,215$) e entre a idade das primeiras experiências de álcool e cannabis ($r=0,312$). Expressa-se uma relação considerável entre a idade das primeiras experiências de consumo de cannabis e tabaco ($r=0,442$).

Tendo em conta a idade média de início dos consumos para as substâncias em questão verificou-se para o álcool uma média de 15,76 anos; para o tabaco uma idade média de 15,86 anos e para os cannabinoídes uma idade média de início dos consumos que se situa nos 17,38 anos. Os consumos de cannabis incidem pois numa idade mais elevada comparativamente ao álcool e ao tabaco. Os consumos de tabaco incidem numa idade mais elevada tendo em conta os consumos de álcool. Os consumos de álcool incidem em idades mais precoces tendo em conta todas as substâncias.

Apesar das correlações existentes as médias das idades dos inícios dos consumos diferem entre si. Para percebermos melhor a intensidade e o sentido da correlação existente entre as idades dos consumos, para o tabaco e a cannabis, apresentamos seguidamente o diagrama de dispersão para estas substâncias.

Gráfico 8- Diagrama de dispersão das variáveis “Idade das primeiras experiências de consumo de cannabis”, “Idade das primeiras experiências de consumo de tabaco”.



Consumos de heroína

Tabela 24- Prevalências de consumo de heroína.

	Consumo de heroína %*
Ao longo da vida	0,9
No último ano	0,2
Últimos 30 dias	
De 1 a 5 dias	---
De 16 a 19 dias	---
De 20 dias ou mais	---
Idade da primeira experiência de consumo	
10 anos ou menos	---
11-12 anos	---
13-14 anos	---
15-16 anos	---
17-18 anos	0,7
19 anos ou mais	0,2

* Percentagens obtidas tendo em conta o total de alunos.

Em relação aos consumos de heroína verificamos uma prevalência de consumos ao longo da vida na ordem dos 0,9%. Tal significa que, do total dos elementos que constituíram a amostra, 4 indivíduos referem ter consumido heroína.

Na prevalência de consumos de heroína para o último ano verificamos que 0,2% dos alunos (n=1) refere ter consumido heroína nesse período de tempo.

Não se verificaram no estudo prevalências de consumo nos últimos 30 dias.

Tabela 25- Padrões de consumo de heroína.

	N.º	%
Não consumidor	446	99,1
Consumo experimental	4	0,9
Consumo regular	—	—
Consumo potencialmente dependente	—	—
Total	450	100,0

Como podemos verificar o padrão de consumo dominante para a heroína é “não consumidor”, numa percentagem de 99,1%. Como não existem consumidores no último mês, as prática de consumo de heroína forma operacionalizadas como sendo experimentais, não existindo pois consumos regulares ou dependentes para a substância em causa.

Em relação à idade de início dos consumos de heroína, e tendo em conta os 4 consumidores experimentais de heroína, verificamos que 3 deles iniciaram os consumos aos 17 anos e 1 deles referiu tê-lo feito aos 18 anos.

Analisando os dados referentes aos 4 consumidores experimentais de heroína, verificamos que ambos têm consumos regulares ou potencialmente dependentes de álcool ou tabaco. Verificamos ainda que os 4 consumidores de heroína têm todos experiências de policonsumos de outras drogas ilícitas.

A forma de consumo fumada revelou-se para a totalidade dos consumidores de heroína como sendo a forma habitual de consumo. A forma de consumo injectada teve no estudo uma prevalência de 0%.

Consumos de sedativos, hipnóticos ou ansiolíticos sem receita médica.

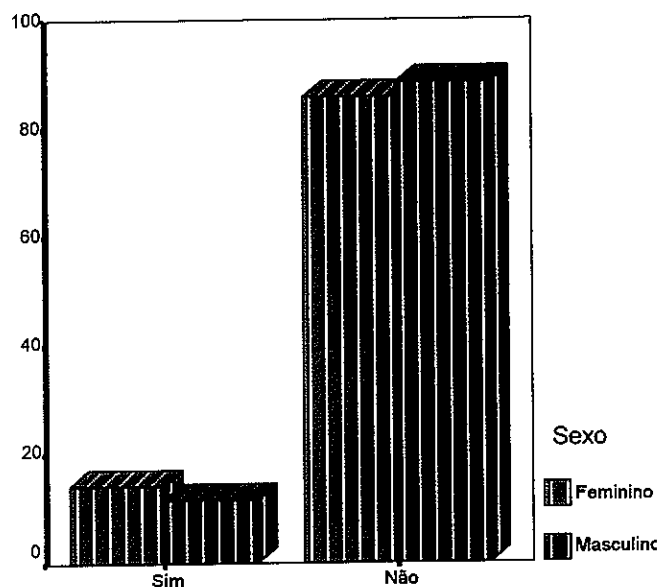
Tabela 26- Prevalências de consumo de sedativos, hipnóticos ou ansiolíticos sem receita médica.

	Consumo de sedativos, hipnóticos e ansiolíticos %*
Ao longo da vida	13,3
No último ano	10,4
Últimos 30 dias	
De 1 a 5 dias	3,1
De 16 a 19 dias	0,2
De 20 dias ou mais	0,4
Idade da primeira experiência de consumo	
10 anos ou menos	—
11-12 anos	—
13-14 anos	0,4
15-16 anos	1,6
17-18 anos	6,2
19 anos ou mais	5,1

* Percentagens obtidas tendo em conta o total de alunos.

Pode verificar-se que 13,3% (n=60) dos alunos consumiram sedativos sem receita médica ao longo das suas vidas. Uma percentagem de 10,4% (n=47) refere ter consumos destes fármacos para o último ano. 17 alunos (3,8%) assumiram ter consumido sedativos sem receita médica no último mês, destes: 3,1% (n=14) tiveram consumos entre 1 a 5 dias; 0,2 (n=1) consumiram sedativos entre 6 a 19 dias e 0,4% (n=2) consumiram as substâncias quase diariamente nos últimos 30 dias.

Gráfico 9- Distribuição da variável “Género sexual” de acordo com os consumos de sedativos alguma vez na vida.



Consumos de sedativos alguma vez na vida

Podemos, pela observação do gráfico 9, constatar que dos 155 (100%) alunos do sexo masculino, 12% consumiram sedativos e 88% são abstinente na vida para estes fármacos. Dos 295 (100%) alunos do sexo feminino, 14% consumiram sedativos e 86% não o fizeram ao longo da sua vida.

Denota-se pois maiores consumos de sedativos sem receita médica ao longo da vida no grupo das raparigas, comparativamente ao grupo dos rapazes. Contudo, a relação existente entre o sexo e os consumos de sedativos ao longo da vida não é estatisticamente significativa, de acordo com o teste de hipóteses do Qui- quadrado, como podemos verificar: ($\chi^2=0,606$; $gl=1$; $p=0,436$).

*Consumos de Anfetaminas***Tabela 27-** Prevalências de consumo de anfetaminas.

	Consumo de anfetaminas %*
Ao longo da vida	2,9
No último ano	1,1
Últimos 30 dias	
De 1 a 5 dias	—
De 16 a 19 dias	0,2
De 20 dias ou mais	0,2
Idade da primeira experiência de consumo	
10 anos ou menos	—
11-12 anos	—
13-14 anos	—
15-16 anos	1,3
17-18 anos	0,7
19 anos ou mais	0,9

* Percentagens obtidas tendo em conta o total de alunos.

As prevalências de consumo de anfetaminas podem ser visualizadas na tabela 27. Da tabela ressalta que 2,9% dos alunos tiveram experiências de consumo de anfetaminas ao longo das suas vidas. No último ano consumiram anfetaminas 1,1% dos alunos da amostra total. Com base na tabela verificamos que consumiram anfetaminas nos últimos 30 dias 0,4% dos alunos, destes: 0,2 % consumiram anfetaminas durante 6 a 19 dias e também 0,2% consumiram a substância quase diariamente no último mês.

Dos 2,9% dos alunos que consumiram anfetaminas 1,3% fê-lo pela primeira vez em idades compreendidas entre os 15 e os 16 anos, 0,7% fê-lo entre os 17 e os 18 anos e 0,9% a partir dos 19 anos.

A tabela seguinte representa os padrões de consumo de anfetaminas encontrados na amostra total.

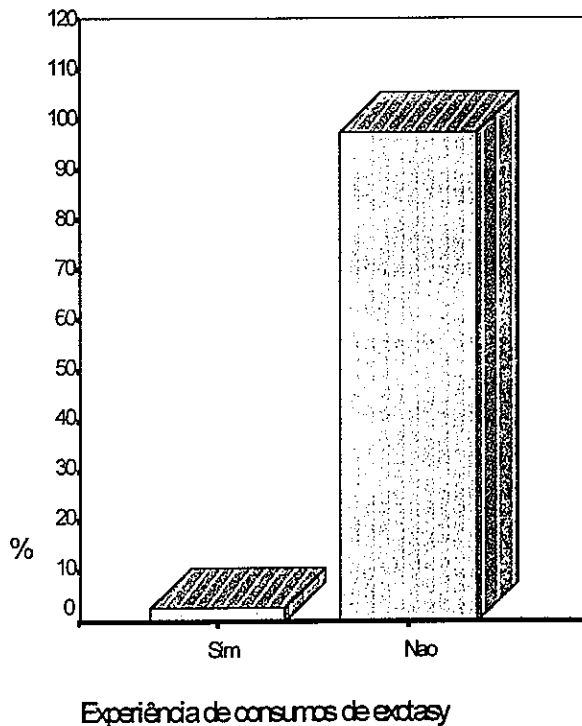
Tabela 28- Padrões de consumo de anfetaminas.

	N.º	%
Não consumidor	437	97,1
Consumo experimental	11	2,4
Consumo regular	1	0,2
Consumo potencialmente dependente	1	0,2
Total	450	100,0

Consumos de ecstasy

O gráfico seguinte representa as frequências encontradas para os consumos de ecstasy.

Gráfico 10- Consumos de ecstasy.



Verificou-se que 12 alunos referiram ter experiências de consumo de ecstasy enquanto que 438 referiram nunca ter consumido ecstasy. A prevalência para os consumos desta substância é assim de 2,7%.

Verificamos pela análise estatística existir relação entre as variáveis "Experiências de consumos de ecstasy" e a variável "Consumos de anfetaminas alguma vez na vida": ($\chi^2=8,342$; $gl=1$; $p=0,04$).

Consumos de cocaína

Tabela 29- Prevalências de consumo de cocaína.

	Consumo de cocaína %*
Ao longo da vida	0,7
No último ano	0,4
Últimos 30 dias	0,4
De 1 a 5 dias	—
De 16 a 19 dias	—
De 20 dias ou mais	—
Idade da primeira experiência de consumo	
10 anos ou menos	—
11-12 anos	—
13-14 anos	—
15-16 anos	—
17-18 anos	0,2
19 anos ou mais	0,4

* Percentagens obtidas tendo em conta o total de alunos.

Na tabela 29 pode-se observar que a frequência dos consumos alguma vez na vida para a cocaína foi de 0,7%, ou seja 3 alunos já consumiram cocaína. Desses alunos, 2 afirmaram ter consumido a substância no último ano e no último mês (entre 1 a 5 dias nesse período de tempo).

A tabela seguinte reflecte os padrões de consumo para a cocaína.

Tabela 30- Padrões de consumo de cocaína.

	N.º	%
Não consumidor	447	99,3
Consumo experimental	1	0,2
Consumo regular	2	0,4
Consumo potencialmente dependente	—	—
Total	450	100,0

Tabela 31- Forma mais habitual de consumo de cocaína.

	N.º	%
Não consumidores	447	99,3
Forma fumada	1	0,2
Forma aspirada	2	0,4
Total	450	100,0

Como podemos constatar, pela tabela 31, a prevalência de consumos de cocaína para a forma injectável foi no estudo de 0%.

Consumo de medicamentos sem receita médica para ajudar nos estudos

Neste trabalho os medicamentos usados sem receita médica para ajudar nos estudos não foi considerado como droga ilícita, pelo facto de existir toda uma panóplia de substâncias para esse fim, muitas das quais de venda livre.

Em relação a esta variável, verificou-se que 26,9% dos estudantes já consumiram medicamentos com o objectivo de melhorar o seu rendimento escolar.

A tabela seguinte representa o tipo de medicamento mais usados pelos alunos nos estudos.

Tabela 32- Tipos de medicamentos usados nos estudos *.

	N.º	%
Vitaminas	87	71,9
Fortificantes	20	16,5
Estimulantes	12	9,9
Outros	2	1,7
Total	121	100,0

* Percentagens calculadas em função dos respondentes à questão.

Verificamos não existir relação estatisticamente significativa entre o uso de medicamentos para ajudar nos estudos e o uso de outras substâncias psicoactivas estimulantes, como as anfetaminas ou a cocaína.

Verificou-se existir uma relação significativa, em termos estatísticos, entre o uso de medicamentos para ajudar nos estudos e a variável “Consumos de sedativos alguma vez na vida”: ($x^2=9,523$; $gl=1$; $p=0,002$). A relação mantém-se para os consumos de sedativos no último ano: ($x^2=6,550$; $gl=1$; $p=0,010$).

Tendo em conta os consumos ilícitos, operacionalizamos o seu uso em três categorias: “não consumidor de drogas ilícitas”; “consumidor de uma droga ilícita” e “policonsumidores”. A tabela seguinte resume as estatísticas da variável em questão.

Tabela 33- Distribuição tendo em conta os consumos de drogas ilícitas.

	N.º	%
Não consumidor de drogas ilícitas	313	69,6
Consumidor de uma droga ilícita	109	24,2
Policonsumos	28	6,2
Total	450	100,0

Quadros resumo dos consumos

Tendo em conta todas as substâncias psicoactivas pesquisadas e as prevalências dos consumos nos vários períodos de tempo sujeitos a análise elaboramos os seguintes quadros resumo:

Quadro 12- Quadro resumo das prevalências dos consumos para todas as substâncias.

	Longo da vida		Últimos 12 meses		Últimos 30 dias	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Tabaco	277	61,6	202	44,9	165	36,7
Álcool	426	94,7	396	88,0	301	66,9
Cannabis	86	19,1	54	12,0	30	6,7
Heroína	4	0,9	1	0,2	—	—
Sedativos	60	13,3	47	10,4	17	3,8
Anfetaminas	13	2,9	5	1,1	2	0,4
Cocaína	3	0,7	2	0,4	2	0,4

Quadro 13- Quadro resumo das frequências de consumo para o último mês.

	Consumos nos últimos 30 dias					
	Entre 1 a 5 dias		Entre 6 a 19 dias		Entre 20 dias ou mais	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Tabaco	43	9,6	19	4,2	103	22,9
Álcool	175	38,9	60	13,3	66	14,7
Cannabis	19	4,2	2	0,4	9	2,0
Heroína	—	—	—	—	—	—
Sedativos	14	3,1	1	0,2	2	0,4
Anfetaminas	—	—	1	0,2	1	0,2
Cocaína	2	0,4	—	—	—	—

Tendo em conta a idade de início dos consumos e os padrões de consumo para as diferentes substâncias construímos o quadro 14 e o quadro 15.

Quadro 14- Quadro resumo das idades de iniciação dos consumos *.

	≤ 10 anos	11-12 anos	13-14 anos	15-16 anos	17-18 anos	≥ 19 anos
Tabaco	0,2	0,7	10,7	31,3	12,7	6,0
Alcool	2,4	3,6	12,4	44,0	27,6	4,7
Cannabis	---	0,2	0,9	5,1	8,2	4,7
Heroína	---	---	---	---	0,7	0,2
Sedativos	---	---	0,4	1,6	6,2	5,1
Anfetaminas	---	---	---	1,3	0,7	0,9
Cocaína	---	---	---	---	0,2	0,4

* Em percentagem e tendo em conta o total da amostra. Somadas as percentagens de não consumidores obtêm-se, em linha 100% para cada substância.

Quadro 15- Quadro resumo dos padrões de consumos para as diferentes substâncias psicoactivas *.

	Não consumidor	Consumo Experimental	Consumo Regular	Consumo potencialmente dependente
Tabaco	38,4	24,9	13,8	22,9
Alcool	5,3	27,8	52,2	14,7
Cannabis	80,9	12,4	4,7	2,0
Heroína	99,1	0,9	---	---
Sedativos	86,7	9,6	3,3	0,4
Anfetaminas	97,1	2,4	0,2	0,2
Cocaína	99,3	0,2	0,4	---

* Em percentagem.

Opiniões, comportamentos ou atitudes face às drogas.

Apresentamos seguidamente os resultados obtidos relativamente ao bloco IV do instrumento de pesquisa e em variáveis que, de uma forma geral, se prendem com opiniões comportamentos e atitudes face às substâncias psicoactivas.

A tabela seguinte reporta-se aos motivos que levaram os estudantes aos primeiros consumos de tabaco ou álcool.

Tabela 34- Motivos que levaram os consumidores de tabaco ou álcool a fazer as primeiras experiências de consumo dessas substâncias *.

	N.º	%	% Acumulada
Problemas de saúde	—	—	—
Pensar menos nos problemas	18	4,2	4,2
Sentir-me relaxado	45	10,5	14,7
Passar momentos agradáveis	71	16,5	31,2
Experimentar novas sensações/ter prazer	34	7,9	39,1
Problemas familiares	5	1,2	40,2
Conviver com amigos	181	42,1	82,3
Sentir-se mal	3	0,7	83,0
Desgostos amorosos	8	1,9	84,9
Não consigo explicar porquê	39	9,1	94,0
Outros motivos	26	6,0	100,0
Total	430	100,0	

* Percentagens calculadas para os respondentes à questão.

Podemos observar que o total das frequências absolutas para os consumidores de tabaco ou álcool se cifra nos 430 indivíduos. Destes, a maioria tem a percepção de que as primeiras experiências de tabaco ou álcool foram feitas tendo como motivação “conviver com amigos”. Um número significativo de alunos refere como motivos para o consumo de tabaco ou álcool o “passar momentos agradáveis”; o “sentir-me relaxado” ou o “experimentar de novas sensações e ter prazer”.

Tabela 35- Motivos para o consumo de substâncias ilícitas *.

	N.º	%	% Acumulada
Problemas de saúde	10	9,2	9,2
Pensar menos nos problemas	4	3,7	12,8
Sentir-me relaxado	15	13,8	26,6
Passar momentos agradáveis	9	8,3	34,9
Experimentar novas sensações/ter prazer	26	23,9	58,7
Problemas familiares	2	1,8	60,6
Conviver com amigos	18	16,5	77,1
Sentir-se mal	2	1,8	78,9
Desgostos amorosos	3	2,8	81,7
Não consigo explicar porquê	11	10,1	91,7
Outros motivos	9	8,3	100,0
Total	109	100,0	

* Percentagens calculadas para os respondentes à questão.

Como podemos verificar, o número total de respondentes a esta questão é de 109 alunos, número inferior ao número total de consumidores de substâncias ilícitas. Tal deve-se principalmente aos consumidores de sedativos ou hipnóticos sem receita médica. De facto, e mesmo quando esses consumos ocorrem com regularidade, os usuários não consideram os seus consumos ilícitos.

Entre os motivos apontados para o consumo de substâncias ilícitas ressalta-nos o “experimentar de novas sensações e ter prazer” motivo apontado por 23,9% do total de consumidores; o “conviver com os amigos” motivo apontado por 16,5% dos indivíduos; o “sentir-me relaxado” motivo referido numa percentagem de 13,8%. Entretanto 10,1% dos consumidores não conseguem justificar as experiências de consumo.

Tabela 35- Motivos para o consumo de substâncias ilícitas *.

	N.º	%	% Acumulada
Problemas de saúde	10	9,2	9,2
Pensar menos nos problemas	4	3,7	12,8
Sentir-me relaxado	15	13,8	26,6
Passar momentos agradáveis	9	8,3	34,9
Experimentar novas sensações/ter prazer	26	23,9	58,7
Problemas familiares	2	1,8	60,6
Conviver com amigos	18	16,5	77,1
Sentir-se mal	2	1,8	78,9
Desgostos amorosos	3	2,8	81,7
Não consigo explicar porquê	11	10,1	91,7
Outros motivos	9	8,3	100,0
Total	109	100,0	

* Percentagens calculadas para os respondentes à questão.

Como podemos verificar, o número total de respondentes a esta questão é de 109 alunos, número inferior ao número total de consumidores de substâncias ilícitas. Tal deve-se principalmente aos consumidores de sedativos ou hipnóticos sem receita médica. De facto, e mesmo quando esses consumos ocorrem com regularidade, os usuários não consideram os seus consumos ilícitos.

Entre os motivos apontados para o consumo de substâncias ilícitas ressalta-nos o “experimentar de novas sensações e ter prazer” motivo apontado por 23,9% do total de consumidores; o “conviver com os amigos” motivo apontado por 16,5% dos indivíduos; o “sentir-me relaxado” motivo referido numa percentagem de 13,8%. Entretanto 10,1% dos consumidores não conseguem justificar as experiências de consumo.

Tabela 36- Locais das primeiras experiências de tabaco ou álcool *.

	Masc.	Fem.	Total
Em casa	4,42	16,74	21,16
Na escola	5,35	6,05	11,40
No clube	0,23	0,23	0,47
Em casa de amigos	2,56	8,84	11,40
Na rua	2,56	2,09	4,65
Em bares	18,37	23,72	42,09
Na discoteca	1,40	6,51	7,91
Outros	0,47	0,47	0,93

* Em percentagem para o total de consumidores de tabaco ou álcool e de acordo com o sexo.

Constata-se que os locais mais referidos para as primeiras experiências de consumo de tabaco ou álcool são os bares (42,09%) e a própria casa (21,16%). A escola é um local referido por 11,40% dos alunos.

Tabela 37- Locais das primeiras experiências de drogas ilícitas *.

	Masc.	Fem.	Total
Em casa	3,67	15,60	19,27
Na escola	3,67	2,75	6,42
No clube	—	—	—
Em casa de amigos	13,76	10,09	23,85
Na rua	17,43	18,35	35,78
Em bares	3,67	0,92	4,59
Na discoteca	1,83	2,75	4,59
Outros	3,67	1,83	5,50

* Em percentagem para o total de consumidores de drogas ilícitas e de acordo com o sexo.

Os locais mais citados para as primeiras experiências de drogas ilícitas é a rua (35,78%) e a casa de amigos (23,85%). A escola é um local referido por 6,42% dos consumidores de substâncias ilícitas.

A tabela seguinte resume as estatísticas obtidas para a variável “Pessoa com quem fez a primeira experiência de drogas ilícitas”.

Tabela 38- Pessoas com quem foram feitas as primeiras experiências de drogas ilícitas *.

	N.º	%
Com o namorado(a)	6	5,5
Com amigos ou colegas	80	73,4
Com desconhecidos	4	3,7
Com familiares	2	1,8
Sozinho	17	15,6
Total	109	100,0

* Percentagens calculadas tendo em conta os respondentes à questão.

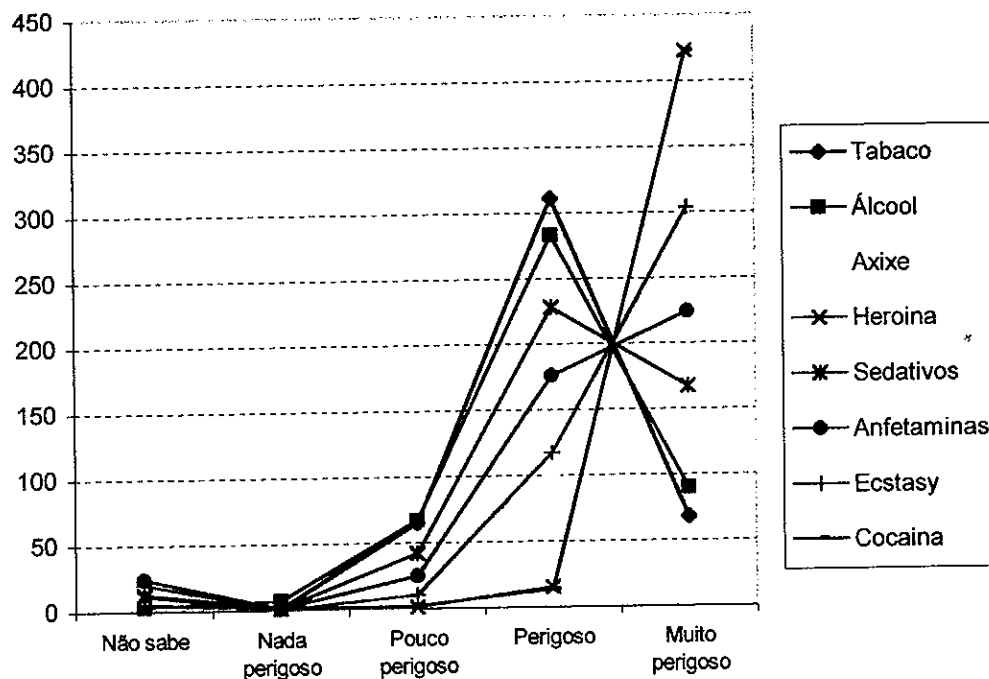
Tabela 39- Administração de conteúdos programáticos sobre drogas em sala de aulas.

	N.º	%
Sim	43	9,6
Não	407	90,4
Total		

Pela observação da tabela 39 podemos verificar que em relação à variável “Administração de conteúdos programáticos sobre drogas em sala de aulas” a grande maioria dos alunos (90,4%) refere que nos cursos que frequentam não são leccionados conteúdos programáticos sobre drogas. Apenas 9,6% dos alunos refere o contrário.

A representação gráfica seguinte dá-nos conta da percepção de perigosidade que os alunos da amostra possuem relativamente às diferentes substâncias psicoactivas. Para cada substância os participantes no estudo foram convidados a atribuir-lhe um índice de perigosidade que variava desde “nada perigoso” a “muito perigoso”. Eis os resultados obtidos nesta variável:

Gráfico 11- Nível de perigosidade atribuído às diversas substâncias psicoativas.



Pela análise da representação gráfica ressalta-nos que os níveis de perigosidade atribuídos à heroína e à cocaína praticamente coincidem nas suas frequências absolutas. De facto, as linhas que representam as duas drogas nos índices de perigosidade estão praticamente sobrepostas: 11 alunos não sabem que nível de perigo atribuir à heroína e também 11 alunos têm a mesma dúvida para a cocaína; o nível “muito perigoso” é para as duas substâncias atribuído por igual número de inquiridos (n=423); apenas 1 aluno refere ser a cocaína “nada perigosa” enquanto não são verificadas frequências nesta categoria para a heroína.

Uma distribuição semelhante e quase também sobreposta é encontrada para o haxixe e o ecstasy. Observamos que em relação ao ecstasy 4,4% dos alunos não sabem que perigo atribuir à substância, 2,2% consideram-na pouco perigosa, 26% consideram o ecstasy perigoso e 67,3% consideram-no muito perigoso.

Da mesma forma, o álcool e o tabaco parecem caminhar juntos tendo em conta os níveis de perigosidade que lhe são atribuídos pelos alunos. Estas duas substâncias são, em termos comparativos as que obtêm menor perigosidade.

Exploramos em seguida a hipótese de existir associação entre os níveis de perigosidade atribuídos a cada substância psicoactiva e os padrões de consumos para a mesma substância psicoactiva. A estratégia de análise da hipótese em questão consistiu em considerar as variáveis qualitativas representando as suas categorias uma natureza ordinal, utilizamos assim o coeficiente de correlação de Spearman, no qual se comparam o valor das ordens das observações nas duas variáveis estudadas. Os resultados da medida de associação são representados na tabela seguinte.

Tabela 40- Associação entre os níveis de perigosidade atribuídos às diversas substâncias psicoactivas e os padrões de consumos para as mesmas substâncias.

Padrões de Perigosidade Atribuída	Spearman's	tabaco	álcool	cannabis	sedativos	cocaína
		tabaco	Rs Sign. N	- 0,130 0,006 450		
álcool	Rs Sign. N		-0,129 0,006 450			
cannabis	Rs Sign. N			-0,396 0,000 450		
sedativos	Rs Sign. N				-0,108 0,022 450	
cocaína	Rs Sign. N					-0,207 0,000 450

A análise das medidas de associação relativa de Spearman permite-nos afirmar que estão associadas as variáveis “Nível de perigosidade atribuído ao tabaco/ Padrões de consumo de tabaco”; “Nível de perigosidade atribuído ao álcool/ Padrões de consumo de álcool”; “Nível de perigosidade atribuído à cannabis/ Padrões de consumo de cannabis”; “Nível de perigosidade atribuído aos sedativos/ Padrões de consumo de sedativos” e “Nível de perigosidade atribuído à cocaína/ Padrões de consumo de cocaína”. Para as restantes drogas não se verificaram associações estatisticamente significativas.

Note-se que as hipóteses nulas são rejeitadas ao nível de significância de 5% (Valores de prova menores que 0,05). Note-se ainda que a associação existente tem um sinal negativo. Devemos pois concluir que a associação entre as variáveis é inversa, ou seja: Quanto maior o nível de perigosidade atribuído à substância menor é o padrão de consumo da substância.

Exploramos também a hipótese de os consumidores de drogas ilícitas percepcionarem como menos perigosas a generalidade das substâncias psicoactivas. Para testar esta hipótese seguimos a seguinte estratégia: Foi criada uma variável de perigosidade total, tendo em conta o somatório dos níveis de perigo de todas as substâncias. Seguidamente, os consumos de substâncias ilícitas foram comparados com as médias obtidas na nova variável com o objectivo de sabermos se os consumos (não consumidor de drogas ilícitas; consumidor de uma droga ilícita e policonsumos) produziam um efeito diferenciador no índice de perigosidade total para as substâncias psicoactivas. A hipótese foi testada recorrendo ao teste Anova de um factor ordinal.

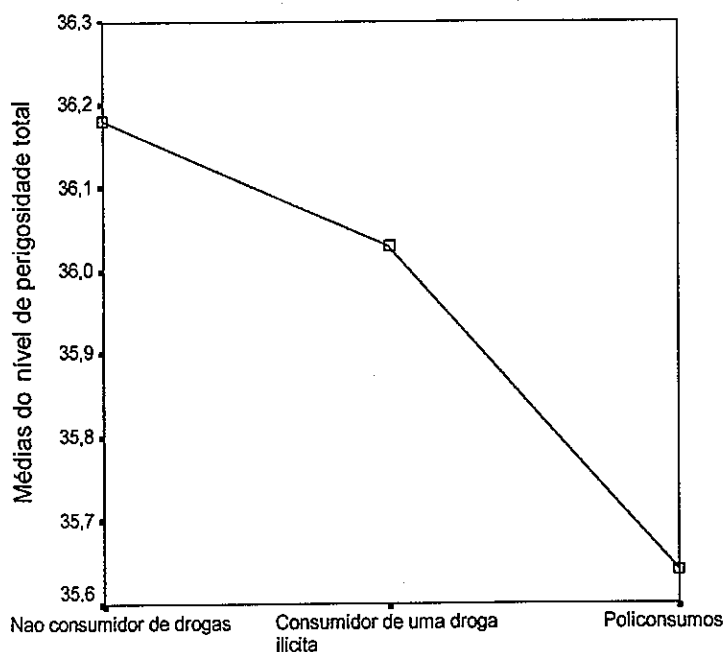
A tabela seguinte resume as estatísticas encontradas para a variável “Nível de perigosidade total” distribuídas pelas categorias dos consumos. Observamos que o nível de perigosidade atinge o seu valor mais baixo nos 29 pontos e atinge o seu valor mais alto nos 40 pontos. Observamos também que as médias do “Nível de perigosidade total” diferem entre os grupos: Têm valores mais altos no grupo de não consumidores de drogas ilícitas, têm valores intermédios no grupo de consumidores de uma droga ilícita e atingem valores mais baixos de perigosidade no grupo de policonsumidores.

Tabela 41- Estatísticas descritivas para o teste Anova, entre o nível de perigosidade total para as substâncias psicoativas e o seu consumo.

	N.º	Valor mínimo	Valor máximo	Média	Desvio padrão
Não consumidor de drogas ilícitas	288	29	40	36,18	2,14
Consumidor de uma droga ilícita	103	30	40	36,03	1,96
Policonsumos	25	30	40	35,64	2,69

As médias dos diferentes grupos são mais fáceis de observar recorrendo à sua apresentação gráfica.

Gráfico 12- Médias do nível de perigosidade atribuído às substâncias psicoactiva nos grupos dos consumos.



No entanto, pela análise da variância da Anova as diferenças das médias não são significativas entre grupos e dentro dos grupos, não rejeitamos pois a hipótese nula ($F=0,837$; $Sig= 0,434$). Apenas podemos afirmar que os grupos dos não consumidores, consumidores de uma droga ilícita, e consumidores de duas ou mais drogas ilícitas, obtêm médias diferentes na percepção do nível de perigosidade total para as substâncias psicoactivas, no entanto essas diferenças não são estatisticamente significativas.

Análise dos consumos ilícitos tendo em conta as variáveis sócio-demográficas e psicossociais.

Iniciámos este capítulo pela descrição das variáveis demográficas que caracterizam a amostra; à medida que fomos apresentando os dados para as diferentes substâncias psicoactivas analisamos esses dados à luz de algumas variáveis sócio-demográficas.

Propomo-nos agora analisar os consumos ilícitos em geral (não consumidores de drogas ilícitas; consumidores de uma droga ilícita; policonsumos) e as relações existentes entre estas categorias e as variáveis demográficas e psicossociais.

Iniciaremos por explorar a hipótese de se “existem relações entre o sexo e os consumos ilícitos”.

Tínhamos já concluído que o “Género sexual” se assume como variável relacionada com o consumo de algumas substâncias como o álcool ou a cannabis, onde os rapazes pareciam referir maiores consumos, e para os sedativos, onde as raparigas pela estatística descritiva pareciam denotar maiores consumos, embora para esta substância as relações não fossem estatisticamente significativas.

Pelo teste do Qui-quadrado reparamos contudo que as diferenças entre os sexos para todos os consumos ilícitos não são estatisticamente significativas: ($\chi^2=3,669$; $gl=2$; $p=0,160$).

Para a variável “Naturalidade” (e tendo em conta as suas categorias: “distrito de Bragança”; “outros distritos” e “estrangeiro”) verificamos também a não existência de

relações estatísticas entre esta variável e os consumos ilícitos: ($\chi^2=3,808$; $gl=4$; $p=0,433$). As variáveis são pois independentes e os seus valores amostrais provêm de universos onde estas proporções são iguais.

Para a variável “Percepção da compreensão dos pais” (variável dicotómica que tinha em conta a pergunta “Acha que os seus pais o compreendem?”) e a variável “Consumos ilícitos” utilizamos a mesma estratégia de análise e o mesmo teste não paramétrico. A tabela de contingência com χ^2 calculado refere-se ao cruzamento das duas variáveis em análise.

Quadro 16- Tabela de contingência com χ^2 calculado para as variáveis “Percepção da compreensão dos pais” e “Consumos ilícitos”.

	Significância (Valor do χ^2)	Grau de liberdade	Categorias associadas	Valor Observado		Frequências esperadas		Resíduo ajustado	
				Compreensão dos pais					
				Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
Consumos ilícitos	0,002 (12,848)	2	Não consumidor de drogas ilícitas	207	106	196,8	116,2	2,2	-2,2
			Consumidor de uma droga ilícita	67	42	68,5	40,5	-0,4	0,4
			Policonsumos	9	19	17,6	10,4	-3,5	3,5

As duas variáveis estão relacionadas ($\chi^2=12,848$; $gl=2$; $p=0,002$), existindo diferenças nos grupos dos consumos sobre a forma como é percebida a compreensão dos pais.

Com o objectivo de compreendermos a associação destas duas variáveis e em que medida a percepção da compreensão dos pais se relaciona com os consumos analisamos ambas as variáveis utilizando o teste do “Risco relativo”. Por tal análise só ser possível

em tabelas 2x2 a variável “Consumos ilícitos” foi operacionalizada em dois atributos: 1- Não consumidor de drogas ilícitas; 2- Consumidor de drogas ilícitas. A tabela seguinte resume o cruzamento das estatísticas para as variáveis.

Tabela 42- Distribuição das variáveis “Percepção da compreensão dos pais” e “Consumos ilícitos”.

			Compreensão dos pais		Total
			Sim	Não	
Consumos ilícitos	Não consumidor de drogas ilícitas	N.º %	207 66,1	106 33,9	313 100,0
	Consumidor de drogas ilícitas	N.º %	76 55,5	61 44,5	137 100,0
Total		N.º %	283 62,9	167 37,1	450 100,0

Da tabela destaca-se o facto de 44,5% dos consumidores de drogas ilícitas percepcionarem negativamente a compreensão dos seus pais, percentagem superior à obtida pelo grupo dos não consumidores. A partir da tabela 42 foi obtida a estimativa do risco, que consta da tabela seguinte.

Tabela 43- Risco relativo calculado tendo em conta as variáveis “Percepção da compreensão dos pais” e “Consumos ilícitos”.

		Intervalo de confiança = 95%	
		Limite inferior	Limite superior
OR (Odds Ratio)	1,567	1,040	2,362
Número de casos válidos	450		

Na tabela 43 encontram-se os resultados do cálculo do risco relativo para um acontecimento (consumos) onde se observa um factor (compreensão dos pais), para ver se os grupos dos consumos diferem de acordo com o factor compreensão dos pais.

A interpretação da tabela indica-nos que os não consumidores de drogas ilícitas têm 1,567 vezes mais probabilidades de terem boa compreensão dos pais do que os consumidores de drogas ilícitas.

Concluimos que quando a característica que interessa é a boa compreensão dos pais, os não consumidores têm uma probabilidade superior de terem essa característica.

Rejeitamos H_0 , pois o valor 1 (igualdade entre o numerador e o denominador dos rácios) não pertence ao intervalo de confiança a 95% observado na tabela. Consideramos assim que um factor (compreensão dos pais) e um acontecimento (consumos) não são independentes e aceitamos a hipótese alternativa de os não consumidores terem maiores probabilidades de percepcionarem positivamente a compreensão nos relacionamentos com os seus pais.

Análise dos consumos ilícitos tendo em conta a variável “Desenvolvimento da autonomia”

Iniciaremos a análise dos consumos ilícitos tendo em conta a variável “Desenvolvimento da autonomia” por explorar a consistência interna da escala usada nesta variável latente.

Recordamos que o *Inventário de Desenvolvimento da Autonomia* apresenta as seguintes dimensões: *Independência emocional e interdependência com os colegas; Gestão do tempo; Mobilidade; Gestão do dinheiro; Reciprocidade das relações com os pais e colegas e responsabilidade social; Independência emocional dos pais.*

O quadro seguinte representa a média, o desvio padrão e a consistência interna para as 6 sub-dimensões da escala obtidas no estudo.

Quadro 17- Índices de consistência interna para as diferentes sub-escalas e para o IDA.

Autonomia	Média	Desvio padrão	Alfa de Cronbach
Independência emocional e interdependência com os colegas	52,358	5,749	,581
Gestão do tempo	48,284	6,719	,825
Mobilidade	36,317	7,047	,754
Gestão do dinheiro	34,111	7,896	,751
Reciprocidade das relações com os pais e colegas e responsabilidade social	75,717	11,563	,832
Independência emocional dos pais	33,286	5,621	,649
Autonomia (IDA)	280,075	26,408	,865

Na análise dos consumos ilícitos tendo em conta a variável “Desenvolvimento da autonomia” utilizou-se o teste t para comparação de médias em amostras independentes.

A variável “Consumos ilícitos” tem dois atributos: 1- Não consumidor de drogas ilícitas; 2- Consumidor de drogas ilícitas. Estes atributos permitem-nos definir dois grupos: um grupo de não consumidores e outro grupo, que tem como característica o facto de ter consumido ou consumir drogas.

O teste t foi realizado tendo em conta as 6 sub-escalas do IDA, e para os totais obtidos no Inventário de Desenvolvimento da Autonomia. Consideramos que as diferenças são estatisticamente significativas se o valor da prova for inferior a 5% (Valores de prova $< 0,05$) caso contrário, e em termos médios poderemos inferir não haver diferenças significativas entre os alunos não consumidores e os consumidores de substâncias ilícitas.

O quadro seguinte resume as estatísticas relativas ao teste de diferença de médias entre os grupos de não consumidores e consumidores e os resultados obtidos no IDA e nas suas diferentes sub-dimensões.

Quadro 18- Estatísticas relativas ao teste de diferença de médias entre os grupos dos consumos e os índices de autonomia.

Autonomia	Não consumidores (n=313)		Consumidores (n=137)		t	p
	Média	Desvio padrão	Média	Desvio padrão		
Independência emocional e interdependência com os colegas	52,77	5,19	51,42	6,78	2,310	0,021
Gestão do tempo	48,80	6,58	47,11	6,91	2,468	0,014
Mobilidade	36,06	6,96	36,90	7,24	- 1,155	0,249
Gestão do dinheiro	34,28	7,83	33,72	8,07	0,703	0,482
Reciprocidade das relações com os pais e colegas e responsabilidade social	77,05	10,05	72,69	13,24	3,729	0,000
Independência emocional dos pais	33,63	5,49	32,51	5,87	1,943	0,053
Autonomia (IDA)	282,59	24,81	275,80	31,39	2,457	0,014

Verificamos que não são estatisticamente significativas as diferenças de médias nos grupos dos consumos, para a dimensão “independência emocional dos pais”, para a dimensão “gestão do dinheiro” e para a dimensão “mobilidade”. Na dimensão “mobilidade” podemos mesmo verificar que o grupo dos consumidores apresenta médias mais elevadas para esta sub-escala.

Há diferenças estatisticamente significativas para as dimensões: “independência emocional e interdependência com os colegas” $p= 0,021$; para a dimensão “gestão do tempo” $p= 0,014$; para a dimensão “reciprocidade das relações com os pais e colegas e responsabilidade social” $p= 0,000$; e para a “autonomia global” $p= 0,014$. Essas diferenças vão no sentido de uma percepção média superior para os referidos constructos no grupo de alunos não consumidores de substâncias ilícitas.

De uma forma geral verifica-se que os sujeitos do grupo dos consumidores de substâncias ilícitas percebem o seu desenvolvimento da autonomia num padrão diferente quando comparados com os sujeitos não consumidores de substâncias.